

LUGARES DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA
PARA QUÊ E PARA QUEM?
Um estudo de caso sobre o público do
Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina
Câmpus Florianópolis

Nêemias Gonçalves Costa

Nêemias Gonçalves Costa

**LUGARES DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA
PARA QUÊ E PARA QUEM?**
**Um estudo de caso sobre o público do Memorial do Instituto
Federal de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial
para a obtenção do Grau de Bacharela
em Museologia.

Orientador: Prof^ª. M^ª. Luciana
Silveira Cardoso

Florianópolis/SC
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Costa, Nêemias Gonçalves

Lugares de preservação da memória para quem e para quem?: Um estudo de caso sobre o público do Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina Câmpus Florianópolis / Nêemias Gonçalves Costa ; orientador, Luciana Silveira Cardoso - Florianópolis, SC, 2015.

67p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas. Graduação em Museologia.

Inclui referências

1. Museologia. 2. Museu. 3. Memorial. 4. Pesquisa de público. 5. Questionário. I. Silveira Cardoso, Luciana . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título.

Nêemias Gonçalves Costa

LUGARES DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA PARA QUÊ E PARA QUEM?

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Museologia, e aprovado em sua forma final pela Coordenadoria do Curso de Graduação em Museologia.

Florianópolis, 10 de Julho de 2015.

Prof^a. M^a. Luciana Silveira Cardoso
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a. M^a. Luciana Silveira Cardoso
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

M^a. Maria Helena Rosa Barbosa
Museu de Arte de Santa Catarina - FCC

Prof^a. Ma.Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes
.Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho primeiramente ao Pai Celestial, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente nas horas da angústia, ao meu marido amoroso e grande companheiro de todas as horas Luiz Henrique Costa, aos meus abençoados filhos Gabriella, Victor Hugo, Geovana, Isadora e Raphaela, aos meus netos Matheus e Vicente, a minha guerreira mãe Lourdes Apda. de França, ao meu carinhoso irmão Amilton Gonçalves e a todos aqueles que de alguma forma estiveram do meu lado nessa árdua caminhada .

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Pai Celestial, pelo milagre da Vida, pelas abençoadas oportunidades de aprendizado constante, pela saúde, pelo trabalho e por todas as pessoas que fazem parte desta jornada e por mais um sonho realizado.

Também agradeço a minha família e amigos, pela solidariedade nos momentos que precisei.

Aos professores do Curso de Museologia e de Antropologia e em especial ao professor Rafael Menezes Bastos, Dr. que em várias situações me fez acreditar que eu era capaz dizendo “Nêemias você é uma antropóloga nata”.

E não posso deixar de mencionar a minha gratidão e admiração a pequena notável professor Rosana Andrade Dias do Nascimento, Dr^a. por sua confiança e oportunidades.

À professora Maria Bernadete Ramos Flores, Dr^a. pelo seu carinho e compaixão com aqueles que apresentam dificuldades no aprendizado como eu.

Ao Museólogo Rafael Muniz, que me encheu de esperança num momento de desânimo e decepção.

Ao Museólogo e grande amigo Renilton Roberto Matos de Assis, pela valorosa oportunidade de estar junto dele me enriquecendo com seus conhecimentos.

E com toda a minha gratidão e amor ao meu amigo, irmão do coração Jonei Eger Bauer, por sua amizade, dedicação e paciência nos momentos de crise e por sua ajuda inigualável.

Às minhas queridas companheiras de viagem e companhias agradáveis, Ana Flávia e Poliana Santana, e também, Polly por sua ajuda e força em vários momentos de insegurança.

Aos meus colegas de turma, pela espontaneidade e alegria na troca de informações, materiais, compreensão; na real demonstração de amizade e solidariedade, e que me serão inesquecíveis, pois se não fossem eles eu não teria chegado até aqui. Minha turma foi muito boa, muito companheira, principalmente pelas minhas queridas e queridos os quais farão parte da minha vida para sempre: Camila Andrade, Elke Debiazi, Ligia Missio, Irene Gaia, Flávio Tessari, Daniel Dalla Zen e Leonardo Hermes Lemos, que fizeram parte da minha equipe de trabalhos acadêmicos muitas vezes no decorrer desses anos.

E para finalizar, porém não menos importante, a minha querida orientadora e cúmplice Professora Luciana Silveira Cardoso, M^a. por sua dedicação e comprometimento.

O objeto da museologia é o fato museal ou o fato museológico. O fato museológico é a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor e o objeto, parte da realidade à qual o homem pertence igualmente e sobre a qual ele tem poder de agir. Essa relação comporta diversos níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por meio dos seus sentidos: visão, audição, tato, etc.

(Rússio, 1981, p.58)

RESUMO

O presente trabalho pretende apresentar a elaboração e a metodologia que se aplicou numa pesquisa de público e de público em potencial no memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Primeiramente se fará uma contextualização, por meio de referenciais teóricos, de alguns pontos epistemológicos entre museu e memorial, observados sob a ótica de espaços destinados à salvaguarda da(s) memória(s). Em seguida um panorama histórico da instituição em que se aplicou esta pesquisa, finalizando com a apresentação dos dados aferidos e traçando uma reflexão sobre estes resultados.

Palavras-chave: Museu, Memorial, Pesquisa de Público, Questionário

ABSTRACT

This research observes the different methodologies applied in studies of museums and their people or their potential peoples developed in the Memorial of The Federal Institute of Education, Science and Technologie of Santa Catarina, Brazil (IFSC). Firstly, the research also shows some writers and academic references that have observed why these places are created while spaces for the glories and for the memories? Forward, this research shows the History of the IFSC; a panoramic of the questionnaire applied and the answers that it reached; some appointments, perspectives and ideas for this University and, especially, for its Memorial's peoples.

Keywords: Museum, Memorial, Public Interview, Questionnaire

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Memorial Holocausto: trata de uma memória coletiva.....	30
Figura 2 - Memorial Getúlio Vargas:	31
Figura 3 - Antiga Escola de Aprendizes Artífices, atual IFSC, na rua Almirante Alvim, Centro de Florianópolis, 1909.....	38
Figura 4 - Fachada atual do Instituto Federal de Santa Catarina, na Av. Mauro Ramos, Centro de Florianópolis. Ano 2012.	40
Figura 5 - Antiga oficina de Tipografia da.....	444
Figura 6 - Acervo do atual Memorial, com destaque	44
Figura 7 - Organograma	46
Figura 8 – Questionário aplicado na pesquisa.....	48

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - mudanças de nomes da instituição ao longo dos anos com suas respectivas datas, decretos e leis. 41

Quadro 2 - Etapas utilizadas para a elaboração do questionário..... 47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Mensuração de dados da questão nº 1 do questionário.	49
Gráfico 2 - Questão nº 3 do questionário. Porcentagem dos cursos dos alunos que responderam a pesquisa.	50
Gráfico 3 - Média da faixa etária dos alunos que participaram da pesquisa.	50
Gráfico 4 - Porcentagem dos alunos que participaram da pesquisa que sabiam que o IFSC/CF criou um Memorial.	51
Gráfico 5 - Porcentagem de como os alunos que participaram da pesquisa e que já sabiam da existência do Memorial o conheceram.	51
Gráfico 6 - Porcentagem dos alunos que acreditam na importância do Memorial para o IFSC/CF.....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APROEX	Programa Institucional de Apoio a Projetos de Extensão
CEFET-SC	Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina
DGCF/IF-SC	Direção Geral do Câmpus Florianópolis – Instituto Federal de Santa Catarina
ETF-SC	Escola Técnica Federal de Santa Catarina.
ICOM	Conselho Internacional de Museus.
IF-SC	Instituto Federal de Santa Catarina.
IFSC/CF	Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis.
MIFSC/CF	Memorial do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis.
MUS	Museologia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO 1: LUGARES DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA – PARA QUÊ E PARA QUEM?	27
1.1 Do Museu ao Memorial.....	27
1.2 Os Públicos do Memorial: Para Quem?.....	33
1.2.1 Que público é este?.....	34
CAPÍTULO 2: UM LUGAR: O MEMORIAL DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA– IFSC	37
2.1 O IFSC.....	37
2.2 MIFSC para quê? - Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina – MIFSC/CF.....	41
2.3 MIFSC- CF Para Quem? - Pesquisa de Público do Memorial do Instituto Federal De Santa Catarina.....	45
2.3.1 O questionário.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS	
ANEXO A – Portaria 134/2012 DGCF/IF-SC	63
ANEXO B – Resolução 001/2013 DGCF	65
ANEXO C – Regimento Interno do MIFSC/CF.....	66

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um estudo de caso realizado no Memorial do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis, denominado pela sigla MIFSC/CF. Tal estudo foi desenvolvido com o intuito de se conhecer os públicos que frequentam aquele espaço, bem como os públicos que ainda não o visitam, além de apontar as expectativas que diagnosticamos naquele espaço com relação a instituição. Para o desenvolvimento deste estudo de caso foi elaborado um questionário qualiquantitativo contendo questões metodologicamente escolhidas e que pudessem evidenciar os resultados por nós pretendidos.

Através do questionário pretendemos apresentar as relações dos frequentadores do Câmpus IFSC/CF com o Memorial, pois um espaço destinado à memória institucional, o memorial neste caso, passa a ser entendido como um espaço pensado para expôr acervos de interesses variados e não apenas um local para armazená-los e conservá-los de modo inertes. O museu moderno busca estimular a criatividade e a inovação, com o intuito de se projetar como instituição de comunicação, com função educativa e de difusão cultural. As instituições museológicas necessitam de uma relação de liberdade com a história, no campo dos riscos e desafios a todo instante. Afinal esses lugares são de elaboração e de promoção de exposições (mas não só elas) que permitem aos públicos adaptar-se aos modelos recomendados para o seu deleite, além de reelaborar e de recriar uma nova construção a partir do discurso produzido.

Aquilo que é criado e produzido pelo museu pode ser percebido pelos seus públicos em resposta aos seus interesses particulares, sendo uma maneira de incentivar a aproximação entre ambos, promovendo um ambiente convidativo a uma ou várias experiências museais de trocas variadas e mútuas. Esta proposta de troca de experiência entre os museus e seus públicos se encontram em consonância com as tendências em crescimento, tais como, aos ambientes organizacionais que consideram cada vez mais seu público interno como um público estratégico para atingir os seus próprios objetivos organizacionais; como instituições que promovem a difusão da cultura e neste caso particularmente a satisfação dos públicos visitantes, cooperando para o desenvolvimento pessoal de todos, através do estímulo à curiosidade, ao olhar crítico, à multiplicidade de interpretações, entre outros.

A criação de novos significados é a relação mais consciente com o patrimônio, a memória, a identidade, a cultura e tudo mais que nos

caracteriza e representa enquanto indivíduos e também com os grupos sociais. Entendemos esses lugares como colaboradores no campo do conhecimento que se adequam à sociedade e atuam a serviço dos indivíduos; assumindo o compromisso dessas instituições de democratizar o acesso aos conhecimentos disponibilizando o acesso à todos, para que estes possam construir novos conhecimentos baseados na pluralidade que compõe a cultura humana; nada mais coerente do que estender suas ações voltadas aos públicos cada vez mais amplo.

Este trabalho está dividido em dois capítulos e uma unidade com as considerações finais. Primeiramente traçaremos um panorama conceitual e contextual, sobre museu e memorial, sob a ótica de cientistas e pesquisadores que abordem essas temáticas. Após discorrer sobre o enunciado de museus e sua atual legislação, o Estatuto de Museus, percorreremos a apresentação do nosso local de estudo e de observação, o Memorial do IFSC/CF, buscando responder a duas questões: “Memorial para quê?” e “memorial para quem?”. O capítulo seguinte, apresentará primeiramente, uma historicidade linear da instituição até chegar ao Projeto de Implantação do Memorial do IFSC, discorrendo sobre alguns aspectos no que tange suas primeiras ações, desde o momento de sua implantação, iniciado em 2012. Em seguida apresentaremos as etapas metodológicas da pesquisa qualiquantitativa, na qual foi utilizado o questionário como instrumento para a coleta de dados, com a finalidade de diagnosticar e estudar os públicos frequentadores e os em potencial de frequentar o espaço do Memorial do IFSC/CF. Com a apresentação do questionário apontaremos evidências que nos surgiram durante a aplicação e mensuração dos dados desta pesquisa. Por último, nas Considerações Finais, abordaremos alguns conceitos da museologia para este estudo de caso, além de sugerir alguns percursos e caminhos para o Memorial do IFSC, no que tange os seus preceitos de missão e objetivos, previstos em seus documentos e marcos legais de criação e implantação.

1. LUGARES DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA – PARA QUÊ E PARA QUEM?

Sem o conhecimento histórico, sem a memória das coisas ditas ou feitas, seu presente será sem finalidade e seu amanhã sem significação. (LOWENTHAL, 1975, p.32)

Nesse capítulo apresentaremos uma discussão conceitual entre museu e memorial, observados sob a ótica do Estatuto de Museus – Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009 – e correlacionando teóricos que discorrem sobre essa temática, abordando os conceitos que sejam capazes de nos levar a uma compreensão e discernimento sobre esse assunto. Partindo da própria noção de museu que teve a sua origem na mitologia grega, abordaremos questões mais particularizadas que envolvam os espaços denominados por memoriais, exemplificando, especificamente, os públicos desses espaços.

1.1 DO MUSEU AO MEMORIAL

A origem do museu nos remete à mitologia clássica das musas gregas, entidades mitológicas a que eram atribuídas capacidade de inspirar a criação artística ou científica. As musas eram nove deusas e filhas do deus Zeus e de Mnemosine, a deusa da ‘memória’. Elas presidiam as Artes e as Ciências e acreditava-se que inspiravam os artistas, em especial poetas, filósofos e músicos. O *mouseion* era uma mistura de templo e instituição de pesquisa, voltado, sobretudo para o saber filosófico; local privilegiado, onde a mente repousava e onde o pensamento profundo e criativo, liberto dos problemas e aflições cotidianas, poderia se dedicar às artes e às ciências. As obras expostas no *mouseion* existiam mais em função de agradar as divindades do que para serem contempladas pelo homem. (SUANO, 1986, p.10-11)

O termo “*museu*” tanto pode designar a instituição quanto o estabelecimento, ou o lugar geralmente concebido para realizar a seleção, o estudo e a apresentação de testemunhos, materiais e imateriais do Homem e do seu meio. A forma e as funções do museu variaram sensivelmente ao longo dos séculos. Seu conteúdo diversificou-se, tanto

quanto a sua missão, seu modo de funcionamento ou sua administração¹. Ao longo dos tempos, o museu sofreu distintas significações e (re) significações e se transformou nos dias atuais ao entendimento de que além de ser uma instituição guardiã da Mnemosine (da memória), da história e do patrimônio, trata-se de um espaço partícipe na troca de conhecimentos e de reflexão de identidades, inferindo a ele uma nova dinâmica: o museu passa a ser um local de múltiplas experiências, para a troca de relações pessoais e coletivas, e comunicação e pertencimento (LEITE; OSTETO, 2005, p.23). Pode-se evidenciar que o museu passou de uma instituição que armazena coleções para se transformar em um ambiente que dinamiza a pesquisa, a educação e a comunicação por meio de seus acervos. (BAUER, 2014, p. 52)

Atualmente, o entendimento norteador estabelecido pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) sobre uma definição para museu é a de ser uma “*instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.*” No Brasil, essa definição de museu nos é apresentada pela Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus e observa em seu artigo primeiro o seguinte:

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL, 2009)

Mas onde fica o memorial dentro desse conceito? O ICOM, em julho de 2001 institui um comitê internacional de memoriais (International Committee of Memorial Museums in Remembrance of the Victims of Public Crimes) e que aponta que estes espaços tratam de

¹DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceitos-chave de Museologia*. Trad. e comentários: Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

memórias mais particularizadas. Vieira (2013)² questiona sobre a existência de um conceito para memorial, ao qual a Museologia pode parecer, a princípio, não dar prioridade sobre estas discussões no campo. A autora nos questiona se uma instituição museológica, ao se desprender do termo “museu” e adotando assim o termo “memorial”, não assumiria outra tipologia, “um novo gênero de museu?”

Barcellos (1999, p.1) aponta que há “*ausência de uma delimitação conceitual precisa da noção de Memorial*” que “*deriva dum entendimento sobre o papel que têm as instituições que trabalham com a memória na sociedade*”. Observando, então, o que propõe o Estatuto de Museus, tanto os memoriais como os museus têm responsabilidades com a memória ou ‘memórias’ como um todo, coletivizada ‘construída’ e, portanto, ambas são instituições que têm obrigações com a sociedade que lhe são similares e fundamentais.

Segundo o Estatuto dos Museus:

Art. 2º. São princípios fundamentais dos museus:

I – a valorização da dignidade humana;

II – a promoção da cidadania;

III – o cumprimento da função social;

IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;

V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;

VI – o intercâmbio institucional. (BRASIL, 2009)

Ainda segundo Barcellos (1999, p.2), nem todos os museus criam espaços que favorecem a reflexão sobre todas essas questões. Esses lugares seriam os Memoriais? A democratização dessas instituições e a acessibilidade dos públicos a estes espaços e aos seus acervos têm acarretado em crescentes e significativas ondas de renovação e que teve desde sempre, no fenômeno do memorial, uma trajetória histórica marcada pela transformação, reinterpretação e multiplicidade de enunciados e (re) significações.

² VIEIRA, Ana Maria da C. L. *Os Memoriais são um novo gênero de museu?* Disponível em: revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=28640, acesso em: 11 jan. 2015.

Segundo Vieira (2013)³ “*Memoriais são monumentos à memória onde a cultura material seria, portanto o meio e não o fim.*” onde os objetos de estudo são fundamentalmente o(s) sujeito(s) na sua identificação e na sua identidade coletiva. Abordaria especificamente uma memória mais facetada. Nesse sentido, o memorial consideraria de forma específica a memória de instituições, cidades, monumentos, fatos, acontecimentos, entre outros.

Alguns exemplos de memoriais podem ser observados, como o *Memorial JK* (Brasília – Brasil), destinado à homenagem da memória de Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente da República Federativa do Brasil (1956-1961) e o *Memorial Getúlio Vargas* (Rio de Janeiro – Brasil) também presidente entre (1930 e 1945); *Memorial Luiz Gonzaga* (Recife – Brasil) que foi notável artista brasileiro. Vale observar que todos estes exemplos tratam-se de espaços destinados à homenagem e à memória individual. Memoriais que abordam temas coletivos podem ser sinalizados como, por exemplo, o *Memorial da Resistência* (São Paulo – Brasil) que aborda o tema do período da ditadura – Regime Militar - ocorrida no Brasil, entre (1964 e 1985) e o *Memorial do Holocausto* (Berlim – Alemanha) sobre o genocídio ocorrido durante o período nazista na Segunda Guerra Mundial.

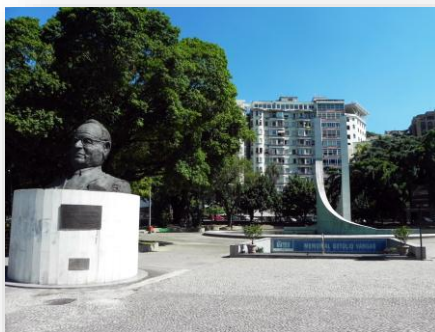
Figura 1 - Memorial Holocausto: trata de uma memória coletiva.



Fonte: <http://culture-se.com/noticias/136/berlim-a-capital-que-encanta>, acesso em 5 abr. 2015.

³VIEIRA, Ana Maria da C. L. *Os Memoriais são um novo gênero de museu?* Disponível em: revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=28640, acesso em: 11 jan. 2015.

Figura 2 - Memorial Getúlio Vargas:
aborda uma memória mais individualizada.



Fonte: <http://www.jornalriocarioca.com/jornal/obras-de-portinari-oitica-e-niemeyer-no-memorial-getulio-vargas/> acesso em 5 abr. 2015

Em todos os exemplos citados anteriormente, o memorial passa a ser compreendido como um espaço de memória que enfatiza algo ou alguém e que conserva um patrimônio relacionado a essa homenagem. O memorial passa a fazer parte da construção de conhecimentos sobre a temática a que se insere, e se faz reflexo da identidade cultural, pois nele se infere trocas de experiências. Além de espaço de homenagear, um memorial pode integrar outros espaços, como um centro cultural, podendo agregar museu, exposição, teatro, centro de convenção, biblioteca, arquivo, entre outros.

Quando falamos de memorial, falamos de ‘memória de’, no entanto precisamos pensar na memória para quem? Memória para quê? Instituir uma memória é dar legitimidade a ela e marcar no tempo e em um espaço físico, no aqui e para além; quem ou o que deve ser lembrado e principalmente por quem e como deve ser lembrado. O memorial busca ser um espaço de memória que homenageia algo ou alguém e que conserva um patrimônio relacionado a essa homenagem. Sobre os questionamentos acima há dois pontos a serem observados: primeiro, *para que existem?* Segundo, *para quem são feitos, qual o seu público?*

Huysen (2000) aponta que os memoriais são um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes, reflexo de uma emergência da memória, como uma das preocupações culturais e políticas e centrais da sociedade moderna.

Para onde quer que se olhe, a obsessão contemporânea pela memória nos debates públicos se choca com um intenso pânico público frente ao esquecimento, e poder-se-ia perfeitamente perguntar qual dos dois vem em primeiro lugar. É o medo do esquecimento que dispara o desejo de lembrar, ou é, talvez, o contrário? É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie uma tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto, o medo do esquecimento? (HUYSEN, 2000. p.19)

O que se sabe é que a memória é resultado dos entrelaçamentos das experiências de um tempo vivido e que o “*transmitimos para que o que vivemos, cremos e pensamos não venha morrer conosco*” (DEBRAY, 1993, p.16), pelo puro desejo da imortalidade.

Hoje em dia, em consonância às renovações e transformações ocorridas por todo o campo dos museus, pode-se evidenciar que, desde a sua origem, ao se relacionar os conceitos de diferentes épocas e fontes, tanto os museus quanto os memoriais se converteram, ao longo dos tempos em instituições culturais prestigiadas. A preocupação com suas diferentes categorias de públicos ilustram uma redemocratização desses espaços. A organização e o funcionamento deles, cada vez mais profissionais, correspondem a exigências e adequações políticas e sociais, e que na prática inferem significativamente nos modos como eles observam suas próprias atividades, num processo de autoanálise em saber para quê e para quem existem. Scheiner (1998) cita que estes espaços podem ser:

“... mediadores para uma compreensão entre as culturas, os museus contribuem à harmonia social. Eles ajudam as sociedades a perceber o patrimônio como um campo de possíveis, como um verdadeiro sustentador para uma cultura global mais tolerante, mais atenta aos valores de todos os seres humanos”. SCHEINER (1998, p.3)

1.2 OS PÚBLICOS DO MEMORIAL: PARA QUEM?

Nas transformações no percurso da história dos espaços museológicos, onde também se incluem os memoriais, notadamente aconteceram mudanças e prioridades nessas instituições. Primeiramente, a noção de que esses espaços eram denominados, pelo senso comum, como depósitos de objetos e foram, aos poucos, ganhando maior visibilidade e importância na área da pesquisa e na sequência, preocupando-se com suas exposições, enquanto lugares de construção do conhecimento.

O museu deve ir para além de suas portas e interferir, ideologicamente, na percepção que a população tem de si mesma, da cultura que produz no seu cotidiano para que, assim consciente, possa exercer com plenitude a cidadania (TAVARES, 2005, p.49).

A partir dessa nova trajetória os espaços museológicos, integradores da sociedade, passam a ser considerados como um serviço cultural estando aberto aos públicos e promovendo pesquisas relativas aos testemunhos materiais e simbólicos do homem e do seu ambiente, recolhendo-os, classificando-os, conservando-os e expondo-os para estudo, educação e lazer, assim, gerando o desenvolvimento sociocultural das populações (CHAGAS, 2005).

As instituições museológicas, atualmente, debatem a importância de sua comunicação com o público, pois sabem que eles são agentes que lhe dão sentido e vigor enquanto espaço de trocas e de aprendizados. Comunicar, segundo Cury (2007, p.79) seria “levar o público para dentro do museu” e estimulá-lo a ser um intenso contribuinte em torno da discussão sobre o significado do patrimônio cultural.

A partir desse pressuposto, nota-se uma lacuna que vem sendo preenchida nos últimos anos onde os espaços museológicos buscam, agora, cada vez mais, conhecerem e se interessam pelos seus públicos para promover e qualificar ainda mais seus serviços, tendo em vista que a partir disto, se desenvolverão todas as ações desencadeadas pela instituição, numa busca contínua pelo *para quê* e *para quem* existem; afinal estas instituições são o centro das políticas de integração entre cultura, turismo, educação, lazer, ciência e tecnologia. São espaços privilegiados à formação do conhecimento, pesquisa e fortalecimento da(s) memória(s) e cultura(s).

1.2.1 Que público é este?

O público, “conjunto de pessoas que leem, veem, escutam as obras” conforme a definição do dicionário, é formado no museu por indivíduos de toda espécie, curiosos, turistas, ou amadores, e grupos organizados, profissionais, sociais, culturais, educativos, escolares inclusos, escoteiros, pessoas de terceira idade, deficientes físicos... (GIRAUDY; BOUILHET, 1990, p.83)

Se o hábito de frequentar espaços culturais, como os museus e os memoriais, não constitui como um processo “natural” e automático da população em geral como um todo, a condição de “não público” ou “público em potencial” não se define apenas por motivos de falta de acesso devido à distância geográfica ou desconhecimento, mas também pela inexistência da demanda imediata de ir às instituições museológicas. Em outras palavras, há segmentos sociais que não compreendem a ida aos espaços culturais como algo “necessário” em suas vivências estéticas e culturais; a verdade é que “não possuem a *disposição*, o *habitus* requerido para frequência destas instituições culturais” (BOURDIEU; DARBEL, 2003).

A temática voltada para a relação público-museu vem ganhando amplo espaço em fóruns de discussão e publicações das áreas das ciências sociais, bem como tem se diversificado em interesses que abarcam inúmeros aspectos, desde os diversos tipos de museus até os diferentes públicos, estes igualmente desdobrados segundo gênero, idade, formação e procedência, entre outros (VALENTE; CAZELLI; ALVES, 2005, p.184).

Segundo Studart, Almeida e Valente (2003, p.136-138) os “estudos de público” são basicamente de dois tipos:

- a) Avaliação: partes integrantes dos processos de exposições e atividades educativo-culturais;
- b) Investigação: estudos teóricos e acadêmicos que buscam conhecer o público visitante e o não-visitante, os padrões de comportamento e

as formas de interação de diferentes grupos com o museu, além dos estudos de motivações, ganhos cognitivos e afetivos e outros.

De acordo com as bibliografias consultadas e dedicadas aos estudos de públicos e tendo em vista tais apontamentos até aqui apresentados, partimos para o enfoque do nosso trabalho, o Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, câmpus Florianópolis – IFSC/CF. Acreditamos que as questões teóricas trabalhadas até aqui são pertinentes para o escopo desta pesquisa, que teve o intento de diagnosticar um perfil do público dessa instituição.

Assim, para conhecermos melhor o público, ou as potencialidades de público que este memorial pode ou poderia ter, optamos, metodologicamente, em aplicar um questionário investigativo, aplicando os conceitos de Studart, Almeida e Valente, acima apresentados. Nesse sentido, o método pela investigação deu os subsídios para a elaboração, aplicação e aferição das respostas do questionário que propusemos e que será apresentado no próximo capítulo. O comportamento e as expectativas dos públicos evoluem, e as instituições culturais hoje precisam conciliar objetivos econômicos, sociais e ambientais. É por isso que muitos estabelecimentos culturais realizam estudos de públicos. (DUCRAY- MARIANI, 2014. p.11) Sobre este assunto, mais específico, abordaremos no capítulo a seguir.

2 UM LUGAR: O MEMORIAL DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA– IFSC

Nesse capítulo, que consiste no objeto central de estudo desse trabalho, apresentaremos o Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Primeiramente, como preâmbulo, um breve histórico sobre a centenária instituição e em seguida correlacionando discussões sobre a necessidade de se implantar um espaço museológico nesse Instituto (memorial para quê?) e um estudo dos seus públicos (memorial para quem?), onde se aplicou um questionário e que iremos apresentar a tabulação dos resultados, observando-os enquanto estratégias para futuras estratégias de atividades que a instituição poderá desenvolver a partir desse nosso diagnóstico.

2.1 O IFSC

O IFSC foi criado em Florianópolis por meio do decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, pelo presidente Nilo Peçanha, como Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina. Seu objetivo era proporcionar formação profissional aos filhos de classes socioeconômicas menos favorecidas. A primeira sede foi instalada em 1º de setembro de 1910, em um prédio cedido pelo governo do Estado e situado na Rua Almirante Alvim, no Centro da capital catarinense

Figura 3 - Antiga Escola de Aprendizes Artífices, atual IFSC, na rua Almirante Alvim, Centro de Florianópolis, 1909



Fonte: Arquivo IFSC

A instituição oferecia, além do ensino primário, formação em desenho, oficinas de tipografia, encadernação e pautação, cursos de carpintaria da ribeira, escultura e mecânica (que compreendia ferraria e serralheria), para atender à necessidade da sociedade de Florianópolis, que se deslocava por meio de bondes puxados a burro e embarcações que transportavam carga do continente para abastecer a ilha. Assim, a instituição trabalhava em consonância com os avanços tecnológicos de seu tempo para atender às demandas do setor produtivo e da sociedade da época que necessitavam de soluções em comunicação por meio impresso e soluções em transporte que tinha, como principal tecnologia, a produção de pequenas embarcações e de ferraduras.⁴

Dez anos depois da instalação, a Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina transferiu sua sede para um prédio na Rua: Presidente Coutinho, também no Centro de Florianópolis, onde permaneceu até

⁴ Relatório de Estágio da primeira fase do Projeto de Implantação do Memorial IFSC, 2012.

1962. Em 13 de janeiro de 1937, por meio da lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, a instituição mudou de nome e status, para Liceu Industrial de Florianópolis e, cinco anos mais tarde (decreto-lei nº 4.127, de 23 de fevereiro de 1942), transformou-se em Escola Industrial de Florianópolis. Com isso, começou a oferecer cursos industriais básicos com duração de quatro anos aos alunos que vinham do ensino primário e cursos de mestría aos candidatos à profissão de mestre.

Em 1962, a Escola Industrial de Florianópolis transferiu-se para uma nova sede, na Av. Mauro Ramos, no Centro de Florianópolis, no local onde hoje funciona o Campus Florianópolis e que até 2006 foi sede da instituição. O nome e o status da instituição mudaram novamente em 1965, com a lei nº 4.759, de 20 de agosto, passando para Escola Industrial Federal de Santa Catarina.

A partir de 1968, com a portaria ministerial nº 331, de 17 de junho, a instituição tornou-se Escola Técnica Federal de Santa Catarina (ETF-SC). Naquela época, começou o processo de extinção gradativa do curso Ginásial, por meio da supressão da matrícula de novos alunos na primeira série. O objetivo era especializar a escola em cursos técnicos de segundo grau (atual ensino médio). Depois da edição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971), a LDB, e da reforma do ensino de primeiro e segundo graus introduzida por ela, a então ETF-SC passou a funcionar somente com ensino de segundo grau.

A lei federal de nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994, transformava automaticamente todas as Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica, condicionando o ato à publicação de decreto presidencial específico para cada novo centro. No caso da ETF-SC, a transformação para CEFET-SC foi oficializada em 27 de março de 2002, quando foi publicado no Diário Oficial da União (DOU) o decreto de criação. Depois da mudança para CEFET-SC, a instituição passou a oferecer cursos superiores de tecnologia e de pós-graduação lato sensu (especialização).

Em 2006, como parte do plano de expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica, o CEFET-SC implantou novas unidades de ensino pelo Estado de Santa Catarina. Com a Lei 11.892/2008 de 29 de dezembro de 2008, que implantou 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, passa a denominar-se Instituto Federal de Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC.

Figura 4 - Fachada atual do Instituto Federal de Santa Catarina, na Av. Mauro Ramos, Centro de Florianópolis. Ano 2012.



Fonte: acervo pessoal

Há mais de 100 anos, o Instituto Federal de Santa Catarina (IF-SC) coloca em prática sua missão de desenvolver e difundir conhecimento científico e tecnológico, formando indivíduos capacitados para o exercício da cidadania e da profissão.

Quadro 1 - mudanças de nomes da instituição ao longo dos anos com suas respectivas datas, decretos e leis.

ano	decreto/lei	nome da instituição
1909	Decreto nº 7.566 - 23/set/1909	Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina
1937	Lei nº 378 – 13/jan/1937	Liceu Industrial de Florianópolis
1942	Decreto-lei nº 4.127 – 23/fev/1942	Escola Industrial de Florianópolis
1965	Lei nº 4.759 – 20/ago/1965	Escola Industrial Federal de Santa Catarina
1968	Portaria Ministerial nº 331 - 17 /junho/1968	Escola Técnica Federal de Santa Catarina – ETF-SC
2002	Lei nº 8.948 – 8/dez/1994	Centro Federal de Educação Tecnológica De Santa Catarina – CEFET-SC
2008	Lei nº 11.892/2008 – 29/dez/2008	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC

Elaborado pela autora.

2.2 MIFSC PARA QUÊ? - MEMORIAL DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – MIFSC/CF

No final do século passado observamos um acúmulo exacerbado de informações e de diversificadas transformações, as quais Huysen⁵ denominou cultura da memória. Assistimos, agora, a um presente carregado pela intenção de preservação obsessiva daquele passado. Dessa forma, encontramos nos museus e memoriais uma preocupação pela preservação de objetos que testemunhem o passado, agora saturado por um presente cada vez mais transformador. Assim, surgiu a necessidade pela preservação da memória institucional da antiga Escola de Aprendizes de Artífices, atual Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis (IFSC/CF).

No segundo semestre de 2012 deu-se início ao projeto de implantação do Memorial da instituição – MIFSC/CF - para garantir a preservação da memória e da história da escola, bem como acompanhar

⁵HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Arquitetura, monumento, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora. 2000.

toda essa evolução em pouco mais de um século. Através do levantamento de informações, documentos e do seu acervo, que se encontra no campus, a instituição pretende apresentar ao público um pouco mais sobre a história do Instituto Federal de Santa Catarina.

O Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina, Câmpus Florianópolis – MIFSC/CF foi implantado em 25 de setembro de 2012, através da Portaria nº 134/2012 – DGCF/IF-SC (anexo A), e é um órgão suplementar, vinculado à direção geral do Câmpus Florianópolis. O Projeto de Implantação do Memorial desenvolve ações de musealização voltadas à preservação da memória institucional que atualmente se encontra diluída em mais de um século de história. De acordo com WaldisaRússio, a musealização é “uma das formas de preservação”, onde o museu seria um “cenário institucionalizado”, ressaltando que o ato de separar os objetos e apresentá-los em um museu reflete a compreensão de que estes “são testemunhos, são documentos e têm fidelidade” (RÚSSIO,1984, p. 60-62).

A missão e os objetivos do MIFSC/CF, conforme a Portaria nº 134/2012 – DGCF/IF-SC, são:

Art. 2º. O MIFSC-CF tem como missão preservar, conservar e expor a memória dessa instituição, potencializando a interação da sociedade com a produção técnica, científica e cultural.

Art. 3º Em consonância com o artigo 3º da Resolução 001/2013 o Memorial do IFSC/CF tem por objetivos:

- I. Valorizar a memória da Instituição, como compromisso do Estado para com os seus cidadãos;
- II. Preservar e conservar a história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina;
- III. Adquirir acervos de acordo com a política de aquisição, estabelecida no seu Regimento Interno;
- IV. Documentar com os procedimentos técnicos museológicos o acervo permanente;
- V. Expor os objetos que componham o acervo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - Câmpus Florianópolis;

VI. Promover oficinas de capacitação abertas ao público com o objetivo de difundir o conhecimento sobre os temas relacionados ao Memorial e áreas afins.(IFSC, 2012)

As atividades e projetos desenvolvidos pelo Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina são realizados mediante projetos de pesquisa e extensão, do Programa Institucional de Apoio a Projetos de Extensão (APROEX), que se trata de um projeto interno desenvolvido pela instituição, concedendo bolsas de estudos, remuneradas, a alunos internos do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis). A instituição também mantém convênio com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) por meio de projetos e concessão de bolsas para graduandos de Museologia daquela Universidade, preferencialmente, oportunizando a atuação e o aprendizado técnico de dois discentes a cada ano. O Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis(MIFSC/CF) também tem a contribuição de docentes pesquisadores, servidores ativos e inativos do próprio IFSC, bem como dos seus discentes e ex-discentes.

Desde o momento de sua implantação o Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis (MIFSC/CF) vem desenvolvendo as seguintes atividades:

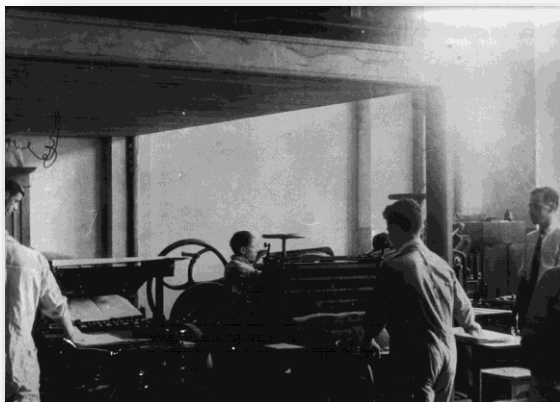
Levantamento e Documentação Museológica do seu acervo;
Revisão de Documentação para Implantação do Memorial;
Elaboração do seu Regimento Interno;
Elaboração de Projeto de Exposição de Longa Duração;
Exposição temporária do acervo permanente;⁶

O acervo do Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis MIFSC/CF atualmente levantado e em fase de marcação definitiva e elaboração das fichas de documentação, é composto por mais de 459 objetos, conforme o Levantamento de Acervo realizado pelo museólogo Jonei Eger Bauer e que foi bolsista do Projeto entre 2012 e 2014. No acervo destacam-se objetos da antiga oficina de Tipografia da instituição, tais como, prensas tipográficas, clichês, tipos em chumbo, prensas para papel, entre outros. Estes objetos já estão devidamente sob a

⁶N.A.: Dados obtidos em banner exposto no Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina e na leitura dos Relatórios de Estágio dos bolsistas que atuaram junto ao Projeto de Implantação do Memorial do IFSC (Anexos A, B e C), sob coordenação da prof^a. Dr^a. Rosana Andrade Dias do Nascimento,

salvaguarda do Memorial, onde durante outros momentos já se fez a transferência de sua carga patrimonial do IFSC para o Memorial.

Figura 5 - Antiga oficina de Tipografia da Escola de Aprendizes e Artífices.



Fonte:Arquivo IFSC

Figura 6 - Acervo do atual Memorial, com destaque aos objetos da citada oficina.



Fonte: Arquivo IFSC

Também foram diagnosticados outros acervos com potencialidades de se incorporar ao Memorial, mas por falta de espaço físico e/ou Reserva Técnica⁷ apropriada não há condições, até o presente momento, de esses objetos incorporarem o acervo do Memorial.

Em 22 de setembro de 2014 ocorreu a abertura do memorial para o público, com a inauguração de uma exposição temporária do seu acervo, pensada como parte de uma ação cuja finalidade é a de obter a visibilidade, primeiramente dentro da própria instituição, e que seja capaz de diagnosticar as potencialidades para o Memorial enquanto espaço de valorização da sua memória.

Assim, ao se observar a própria missão e os objetivos do Memorial, um espaço reconhecido como local para pesquisa, preservação, comunicação, documentação e educação, fica evidenciado que ele tem muito a contribuir com a comunidade acadêmica, bem como com o desenvolvimento sociocultural de ambos, no entanto, um dos maiores desafios do MIFSC é buscar a sua identidade, ou seja, reafirmar as respostas que se sugerem aos questionamentos de “para quê?” e “para quem?” ele foi criado.

2.3 MIFSC- CF PARA QUEM? - PESQUISA DE PÚBLICO DO MEMORIAL DO INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA

Sendo o Memorial do IFSC uma instituição recém-criada, o desafio que se coloca diante disto é o de se buscar a identificação dos seus públicos, abrindo assim amplas possibilidades para a realização de novos processos. Santos (2007) observa que do ponto de vista metodológico, conhecer os públicos pode ser considerado como um vetor a incentivar a busca de soluções criativas, bem como para avaliar as suas próprias práticas museológicas (SANTOS, 2007. p.134). Ainda segundo a autora, as atividades museológicas devem ser desenvolvidas com a participação dos núcleos comunitários, compreendidos aqui como grupos de indivíduos que, apoiados em um patrimônio, realizam ações museológicas com objetivos e metas estabelecidas a partir de suas necessidades, dos seus anseios, definindo em conjunto desafios e

⁷N.A.: O Memorial do IFSC é composto por uma área de aproximadamente 70m², dividida em uma sala administrativa e uma sala de exposição. O acervo excedente encontra-se até o momento em uma terceira sala cedida ao memorial. A instituição prevê, ainda sem data, uma reforma que contemple maiores espaços ao memorial.

soluções, situando-os no contexto mais amplo da sociedade, com o objetivo de produzir conhecimento a partir das múltiplas realidades qualificadas como patrimônio cultural, integrando as diversas áreas do conhecimento e buscando atingir os objetivos traçados. (Ibid. p.137-138)

A importância de público de museus está sendo muito pautada ultimamente e partindo desse pressuposto, as instituições teriam que conhecer e se interessar pelos seus públicos para promover e qualificar ainda mais seus serviços, observados enquanto lugares de inclusão, de formação de novos públicos e de democratização do conhecimento. (BOURDIEU & DARBEL, 2003[1969])

Diante do exposto, o estágio curricular obrigatório, por mim desenvolvido junto ao Memorial do IFSC pretendeu traçar um plano de ações ajustável à realidade da instituição, ao seu ambiente interno neste primeiro momento, que pudesse ser capaz de levantar e apresentar dados organizados sobre os seus públicos, frequentadores em potenciais, cujo objetivo comum seria o de desenvolver um maior conhecimento sobre estes públicos, com o intuito de uma maior visibilidade do próprio memorial. Para isto, o questionário foi pensado como o instrumento mais adequado para se atingir esses resultados.

Figura 7 - Organograma



Elaborado pela autora.

2.3.1 O questionário

Segundo Parasuraman, “o questionário, como instrumento de recolha de dados, constituído por uma série ordenada de questões, é considerado muito importante na pesquisa científica, especialmente em ciências sociais”(PARASURAMAN, 1991, p.42). Refere ainda o mesmo autor que “construir um questionário não é uma tarefa fácil e que aplicar tempo e esforços adequados para a construção do questionário é uma necessidade, um fator de diferenciação favorável”. (*Idem*, 1991, p.42)

O questionário aplicado para realizar a pesquisa de públicos do Memorial foi pensado e elaborado com base em questões que fossem capazes de gerar os dados necessários aos objetivos dessa proposta. A

elaboração de questionários não é uma tarefa fácil, e aplicar exige tempo e esforço em seu planejamento. Ele pode ser considerado uma “arte imperfeita”, pois não existem procedimentos exatos que garantam que seus objetivos de medição sejam alcançados com boa qualidade. Fatores como bom senso e experiência do pesquisador podem evitar vários tipos de erros em questionários, como por exemplo, as questões ambíguas, potencialmente prejudiciais, dada sua influência na amplitude de erros. No entanto, existe uma sequência de etapas lógicas que o pesquisador deve seguir para desenvolver um questionário (AAKER, 2001).

A aplicação de questionários passa a ser entendida como uma metodologia para aferição de dados em um estudo de caso. Segundo Yin (1989) “o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto real não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas” (YIN, 1989, p.23)

Assim, ao se elaborar o questionário, foram observados três pontos:

- a) Planejamento do que vai ser mensurado;
- b) Formulação das perguntas para se obter as informações necessárias.
- c) Definição do texto, da ordem das perguntas e do aspecto visual do questionário.

Quadro 2 - Etapas utilizadas para a elaboração do questionário de pesquisa científica.

Programar	Projetar
<i>Escolha do tema e objeto: planejamento e objetivos da pesquisa</i>	<i>Como mensurar a pesquisa: escolha das metodologias e elaboração do questionário</i>
Pesquisar	Potencializar
<i>Aplicação do questionário</i>	<i>Mensuração de dados e avaliação do questionário</i>

Elaborado pela autora.



Figura 8 – Questionário aplicado na pesquisa

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO
SECRETÁRIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
SETOR DE ASSISTÊNCIA AO ESTUDANTE

O Memorial do Instituto Federal de Santa Catarina foi criado em 25 de setembro de 2012 por meio da Portaria n°. 134/2012 DGC/IFSC e tem como missão: Preservar a memória institucional. Dentro desta proposta busca conhecer os perfis dos possíveis públicos que possam vir a frequentar o memorial.

1. Gênero:

- Feminino
 Masculino

2. Idade: _____

3. Qual é o seu curso? _____

4. Você sabia que o IFSC/CF criou um Memorial?

- Sim
 Não
 Não sei do que se trata

5. Se sim, como soube?

- No IFSC mesmo
 Pelos meus professores/colegas
 Outros
Quais? _____

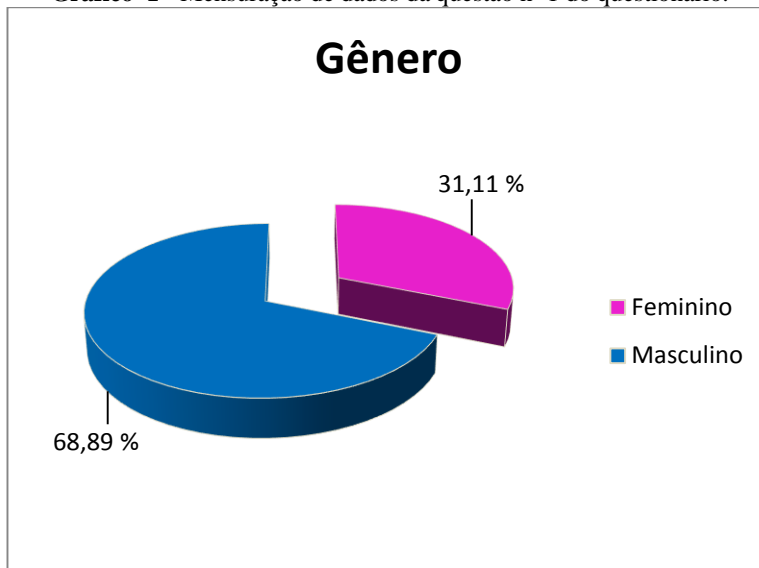
6. Você acredita que o Memorial possa vir a contribuir para o fortalecimento da memória do IFSC/CF? Por quê?

Elaborado pela autora

A partir da elaboração do questionário pensamos em atingir 10% da comunidade acadêmica do IFSC Câmpus Florianópolis, cujo

contingente, somando alunos e servidores, é de pouco mais três mil. Foram aplicados 300 questionários, em nove cursos, mas o retorno das respostas contabilizou 180 questionários, o que correspondeu a uma média aproximada de 60% de retorno.

Gráfico 1 - Mensuração de dados da questão nº 1 do questionário.

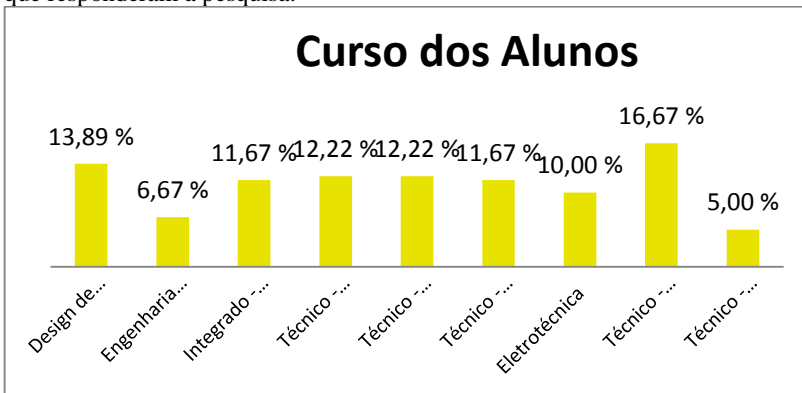


Elaborado pela autora.

Analisando os 180 questionários, que corresponde a 6,5% do público interno do IFSC Câmpus Florianópolis conforme levantamos anteriormente, chegamos aos seguintes dados: do total de estudantes entrevistados, 124 que correspondem a 68,89% são do sexo masculino e 56 que correspondem a 31,11% são do sexo feminino.

Com base nisto, constatamos que o maior número de contingente na instituição vem a ser do sexo masculino o que pode ser refletido pela própria historicidade da instituição, criada em 1909 como uma escola de artífices, exclusiva para ofícios masculinos, à época. Ainda nessa evidência podemos observar, também, que a maioria dos cursos oferecidos na atualidade são, em sua maioria, com formação mais voltada às práticas masculinas, porém não exclusivas, conforme averiguaremos nas respostas obtidas na terceira questão.

Gráfico 2 - Questão nº 3 do questionário. Porcentagem dos cursos dos alunos que responderam a pesquisa.



Elaborado pela autora

Conforme o gráfico acima, podemos observar que os cursos que participaram de maneira efetiva da pesquisa somaram nove. Esses foram possíveis de se aplicar pois houve a necessidade da anuência do corpo docente dos cursos e que totalizaram estes, apenas.

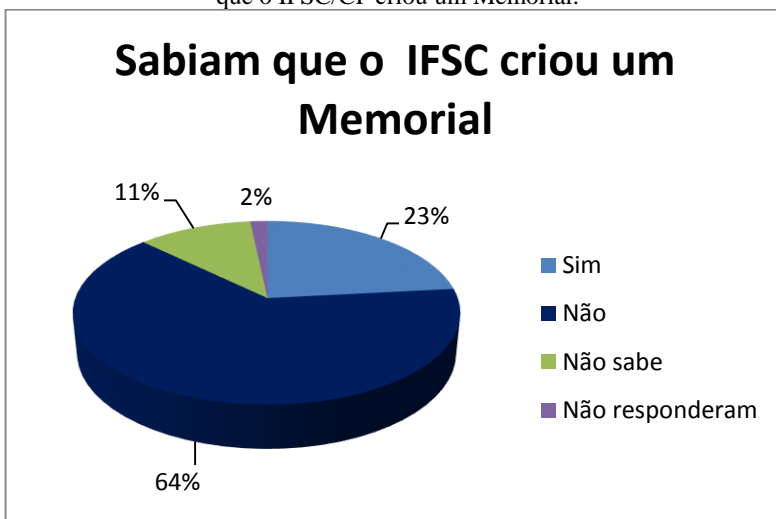
Na elaboração do questionário já sabíamos que a pergunta de número dois, que diz respeito a faixa etária, seria de 14 anos até a idade mais adiantada dos alunos que frequentam os mais de cinquenta cursos oferecidos pela instituição, em diversas áreas. A razão disto é pela própria característica da instituição que oferece matrícula em seus cursos a partir dos 14 anos de idade e como nosso objeto de estudo é, portanto, o público interno do IFSC, esta seria nossa realidade, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Média da faixa etária dos alunos que participaram da pesquisa.



Elaborado pela autora.

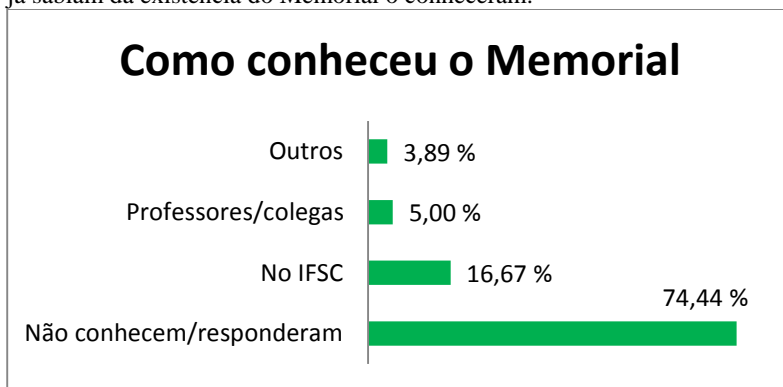
Gráfico 4 - Porcentagem dos alunos que participaram da pesquisa que sabiam que o IFSC/CF criou um Memorial.



Elaborado pela autora

Dentro do total de alunos que responderam que sabiam da existência do Memorial foram 23%, como mostra o gráfico acima, 64% não sabiam que o IFSC/CF possui um Memorial, 11% não sabiam do que se trata e 2% não responderam.

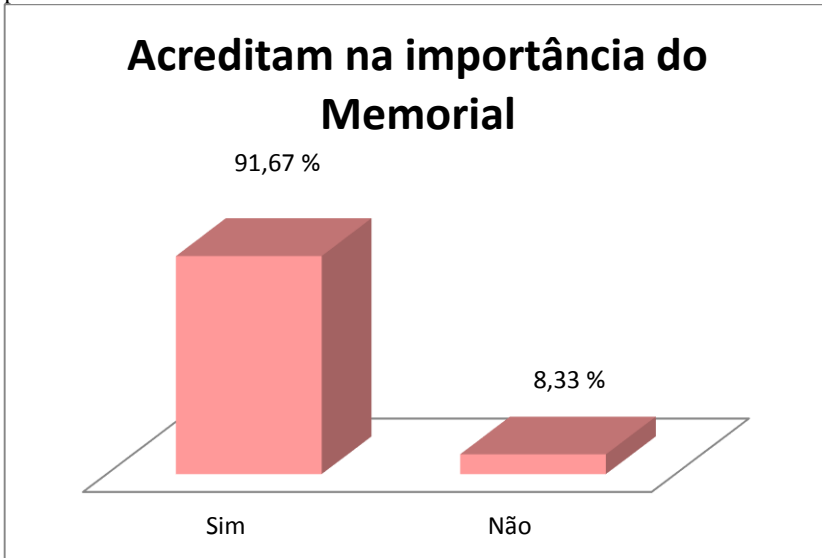
Gráfico 5 - Porcentagem de como os alunos que participaram da pesquisa e que já sabiam da existência do Memorial o conheceram.



Elaborado pela autora

Analisando o gráfico acima podemos conferir que a maior parte dos entrevistados não conhece, não sabem da existência do espaço do Memorial.

Gráfico 6 - Porcentagem dos alunos que acreditam na importância do Memorial para o IFSC/CF.



Elaborado pela autora

Considerando o total de alunos que se dispuseram a responder a questão discursiva a qual precisaria um pouco mais de atenção e desprendimento por parte do entrevistado a maior parte 91,67%, responderam ‘sim’, que acreditam na contribuição para o fortalecimento da memória do IFSC/CF, porém alguns colocam algumas ressalvas, e surpreendentes observações, que apresentaremos a seguir. O material é amplo e poderá dar origem a outros estudos.

- a) **Você acredita que o Memorial possa vir a contribuir para o fortalecimento da memória do IFSC/CF? Por quê?**

[...] “*não da maneira que está sendo utilizado*”

[...] “*não, porque ele não cumpre sua função*”

Sobre estas duas respostas, observa-se que podemos apontar que o Memorial do IFSC-CF ainda não foi percebido dentro da própria instituição, como já apresentamos no gráfico 4, e que da maneira como ele hoje se apresenta não reflete, talvez, a memória da Escola. Pode-se evidenciar, então, que o Memorial precisará buscar uma sintonia com seu público e também com seu público em potencial.

[...] *“não, por não chegar ao conhecimento da comunidade acadêmica”*
 [...] *“de que o memorial precisaria ser mais divulgado dentro do IFSC”*

Apesar do Memorial estar localizado em um espaço privilegiado dentro da instituição, o hall principal, por onde transitam todos os que adentram a Escola, notamos que ainda há uma falta de visibilidade do mesmo. As respostas acima citadas apontam que o Memorial precisará atentar a este detalhe e sugerir meios que promovam a sua divulgação. Algumas ações já foram desenvolvidas, como seminários, criação de uma identidade visual e outros. Todavia, estas precisam ser intensificadas para que se logre êxito no processo de uma maior visibilidade ao Memorial.

[...] *“tem que estar ao alcance de todos”*

A noção de um museu mais acessível a todos os tipos de públicos leva-nos à reflexão de que “[...] a participação no processo de (re) significação cultural é um pleno direito à cidadania, entendimento de que situa o público como agente, ator, sujeito participante e criativo do processo de comunicação no museu, e indivíduo exercendo a democracia” (CURY, 2007, p. 79).

[...] *“que os professores e servidores deveriam fazer mais uso do espaço para incentivar os alunos a conhecê-lo”*

Pode-se apontar o caráter didático, então, que este memorial poderá adquirir, com o envolvimento dos diversos cursos que atualmente são oferecidos pela instituição. Dinamizar os acervos do Memorial do IFSC, por meio da integração entre seus servidores e discentes, passa a ser um desafio, ou uma meta, a serem alcançados. Todavia, há de se observar e planejar este caráter didático, à medida que, a percepção do museu enquanto “extensão da educação formal”, com vistas “obrigatórias” de escolas a museus, poderia contribuir para a construção de um imaginário social pouco caloroso a respeito desses espaços entre

os jovens, caso essas visitas não fossem devidamente planejadas e incluídas numa estratégia orgânica de trabalho museu-escola.

Enfim foram muitas as sugestões fornecidas pelos entrevistados, alguns até manifestam o não interesse de visitar o espaço.

Analisando as respostas pudemos verificar que os alunos públicos-alvos do espaço Memorial, não se identificam com o atual espaço do Memorial; alguns não acreditam na importância da preservação da memória da instituição, porque na forma que está apresentado não representa a comunidade acadêmica, mas sim representa apenas um dos cursos que a instituição oferecia, o de tipografia e que conforme já apontamos através do seu Levantamento de Acervo, corresponde a uma parcela considerável entre os objetos atualmente sob sua salvaguarda.

De acordo com os dados, podemos pensar, então, sobre qual memória estamos falando e qual memória o Memorial do IFSC está apresentando? Onde estão os alunos representados dentro do Memorial? Vale observar que da maneira como hoje esta instituição se apresenta, podemos classificá-lo como um memorial clássico, daqueles do imaginário, ora distante e excludente e que sem mediação não cumpre satisfatoriamente aquilo que a própria instituição prevê em seu Regimento Interno, visto que, após a reflexão do questionário aqui apresentado podemos evidenciar que o Memorial não troca, não interage, não proporciona troca de experiências, talvez porque o mesmo ainda não esteja consolidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer os diferentes públicos das instituições museológicas é extremamente necessário para o desenvolvimento das atividades e dos estudos que estes espaços venham desenvolver, pois trabalhos desta natureza possibilitam analisar essas instituições enquanto ferramentas ou agentes transformadores (formação do sentimento de pertencimento, valorização do patrimônio e outros).

Esse estudo procurou corroborar para intensificar estratégias a serem elaboradas, a fim de formular novas medidas que se tornam pertinentes na comunidade acadêmica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Câmpus Florianópolis, e que sejam capazes de proporcionar uma maior acessibilidade e conhecimento do seu espaço de valorização da memória institucional, e que, segundo se observou em nosso questionário, ainda possui altos percentuais de pessoas que desconhecem o espaço desse cenário de institucionalização de um memorial.

O presente trabalho está relacionado às atividades que foram desenvolvidas no estágio obrigatório realizado para a disciplina do curso de graduação em museologia, MUS 7501 Estágio Curricular, da Universidade Federal de Santa Catarina, como componente obrigatório para a integralização do currículo deste curso.

O Estágio desenvolvido no MIFSC/CF permitiu que pudéssemos observar melhor as relações pessoais entre os que atuam em suas distintas atividades. O diálogo e o convencimento foram importantes, uma vez que, sem uma equipe que ainda não é designada apenas para as atividades do Memorial, há de se observar as múltiplas dependências que aquele espaço possui e que ainda precisa se adequar ou superar, como tem realizado, paulatinamente, a exemplo do Regimento Interno que já foi desenvolvido e aprovado e agora busca sua implantação, respeitando os artigos nele projetados. Tais medidas ajudam no fortalecimento da instituição, respeitando os preceitos das legislações e recomendações no campo dos museus.

Diante dos fatos de vivência e observações durante o processo da pesquisa, tivemos momentos partícipes aos quais jamais serão esquecidos e se tornarão parte de uma vivência sem igual, ajudando no constructo coletivo da sua implantação.

O questionário aplicado para que pudéssemos apresentar ao IFSC/CF respostas ante às dúvidas “memorial para quê?” e “memorial para quem?” nos revelou que muito caminho ainda precisa ser trilhado, mas temos, agora, um início. A partir dos resultados obtidos no

questionário e que resultaram nesse Trabalho de Conclusão de Curso, teremos subsídios para que o próprio Memorial continue a desenvolver as suas ações a partir das nossas observações, através de melhores e mais eficazes ações que corroborem para uma melhor difusão do Memorial e contribua também para elaboração dos seus futuros projetos, tais como, de ação educativa, expografia e outros; ações estas que reflitam a própria comunidade acadêmica do IFSC/CF e que se tornem eficazes e que despertem mais interesse dos públicos internos da instituição em questão, além de sua própria visibilidade, passando assim, a ser um espelho da memória daquele local.

Vale observar que o nosso questionário se constituiu de um preâmbulo, um diagnóstico inicial para se conhecer os públicos frequentadores e os em potencialidades do Memorial. A partir desse nosso diagnóstico investigativo inicial temos o mote para que a instituição sinalize uma investigação mais aprofundada o que pode se apresentar revelador, a exemplo das respostas observadas, principalmente, na última questão, tais como “[...] *não, da maneira como ele está sendo utilizado.*”, “[...] *não, por não chegar ao conhecimento da comunidade.*”, “[...] *de que o memorial precisa ser mais divulgado dentro do IFSC*”.

As instituições museológicas são agentes culturais que prestam serviços relevantes aos públicos, ao envolvê-los em processos culturais e educativos que valorizam a condição do cidadão e a participação de todos e de cada um na vida social e no desenvolvimento do país. Essa premissa pode ser observada enquanto desenvolvemos o presente trabalho e quando apontamos da importância que os públicos têm na construção partícipe de identidades e de memórias, no momento em que apontamos que os resultados que conferirmos podem ser um indicativo de que, na concepção dos estudantes do IFSC/CF, o Memorial surge como uma importante e indispensável intuição para a comunidade acadêmica. Contudo, essa discussão precisa ser melhor observada e aprofundada de estudos.

Preservar e recuperar estes espaços, tais como um memorial numa escola centenária de forte apelo com a sociedade de Florianópolis/SC, permeia a questão de cidadania, à qual são projetados gestos e ações tanto da própria comunidade como dos poderes públicos e privado locais. Os espaços cotidianos e os lugares de sociabilidade guardam características que permitem a formação de identidades e o sentimento de pertencimento à coletividade dos indivíduos daquele meio, comum a eles. A preservação desses espaços deve resultar da possibilidade de expressão das vozes de todos que dele participam.

Sendo assim, a partir dos dados que obtivemos obtivemos nessa pesquisa qualiquantitativa foi possível perceber e entender que este estudo tem uma real importância uma vez que o memorial ainda não possui metas que buscam estratégias para gerar diferenciais na comunidade acadêmica e na utilização em sua organização, que corroborem com a proposta e missão atribuídas a todas instituições culturais que têm a cultura como fator essencial para o desenvolvimento e crescimento do indivíduo no coletivo, como sugestão para novas abordagens, entendemos a recomendação de estudos acerca da relação entre a difusão cultural e a aprendizagem organizacional.

Ao analisar nossos objetivos propostos para a construção e desenvolvimento desse trabalho, deparamos com algumas peculiaridades, as quais abordamos neste trabalho. O foco foi o item relacionado à área de gestão de pessoas, no que se refere em atrair e manter colaboradores e visitantes no memorial, pois essa é a razão para sua existência. Além do que a sinergia da cultura através das organizações museológicas, com seus colaboradores, isto é, com seu público interno, através de ações culturais e educativas, na qual apontaremos algumas formas de acordo como entendemos com a análise e entendimento com esse trabalho.

Se faz necessário aperfeiçoar o local de trabalho, no que se refere à humanização do ambiente, mas de uma forma abrangente, podemos citar duas formas: através de espaços dedicados a exposições, como por exemplo, exposições itinerantes dentro da própria instituição, com acervos da própria instituição, ou através de coleções corporativas que a instituição já possui, essas ações estão relacionadas à ferramenta de estímulo de espírito crítico e também a criatividade de seus colaboradores.

Atraindo e mantendo seus colaboradores e visitantes através de ofertas relacionadas a um circuito cultural, isto é, atrair os indivíduos potenciais para a instituição que de alguma forma se preocupam com a sociedade e seu desenvolvimento através da cultura. No que diz respeito ao desenvolvimento do principal ativo da instituição, as pessoas num todo. Pois ao incentivar o desenvolvimento de seus colaboradores, a instituição, através dessas ações acima citadas, geram incentivo, o comprometimento e estimulam a criatividade.

A pesquisa se deparou com a relevância de que a comunidade acadêmica não se sente motivada a frequentar o memorial, no contexto atual e geral que a instituição vêm vivenciando.

Sendo assim pensar a não frequência de instituições culturais como museus e memoriais a partir das variáveis renda e escolaridade é considerar a questão das desigualdades socioeconômicas e socioculturais que marcam indelevelmente a sociedade brasileira, e a comunidade

acadêmica do IFSC/CF, infelizmente não foge a essa regra. Mas para isso se faz necessário em termos de políticas públicas, isso se traduz em implementar mecanismos ou dispositivos de acessibilidade social e simbólica para amplos contingentes da população que permanecem à margem da fruição dos bens culturais musealizados, mas que não são o foco desse trabalho.

Porém, acreditamos que para tanto, ainda resta pesquisar mais profundamente essa relação entre escolarização, renda e não frequência do memorial do IFSC/CF, a exemplo do que observou Bourdieu e Darbel (2003 [1969]), pois essas questões foram percebidas no desdobramento do trabalho. Por isso, se faz necessária uma pesquisa posterior em profundidade com as pessoas que dizem não frequentar o espaço/lugar valendo-se de metodologia com abordagem quali-quantitativa e com grupos focais, com entrevistas abertas e semiabertas, como pensamos no início do trabalho, e que fomos impossibilitados de realizar devido a regras que a instituição submete-se para sua organização institucional e não permite acesso direto com a comunidade acadêmica.

Mas o que realmente importa em nossa análise é descobrir de que modo a baixa escolarização e a baixa renda inibem a ida a espaços culturais como museus e memoriais e quais mecanismos sociais da baixa escolarização e renda operam na inibição a ida as instituições como os museus e memoriais como do campus do IFSC/CF. Pois a mera ampliação da divulgação não é capaz de desmontar esses mecanismos sociais operantes nas questões mencionadas acima, estímulos mais específicos são necessários para a superação desses limites sociais.

Acreditamos que a qualidade de uma visita passa pela acolhida, pela abordagem inicial, pela interação dos funcionários dessas instituições museológicas e inclusive pela imagem que os visitantes fazem da equipe. Logo a imagem da instituição está claramente relacionada ao atendimento prestado por seus funcionários em como suas atitudes podem contribuir para a imagem que o visitante constrói do memorial. Contudo, sendo os públicos a razão da existência de uma instituição como o memorial, nada mais lógico que pensar no bem estar do visitante e investir no processo de acolhida e pertencimento dos seus públicos, então entendemos que se deva começar, então, pela valorização e pelo desenvolvimento da equipe de trabalho do memorial, estimulando assim uma postura de receptividade.

REFERÊNCIAS

AAKER, David A. *Administração Estratégica de Mercado*. 5a ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ALMEIDA, Alcides Vieira de. *Dos aprendizes artífices ao CEFET-SC*. Florianópolis: CEFET-SC, 2002.

BARCELLOS, Jorge. *O Memorial como instituição no sistema de museus: Conceitos e práticas na busca de um conteúdo*. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999. In: http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/camarapoa/usu_doc/concme mor.pdf, acesso em: 11 jan. 2015.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro:Lucerna, 2006. 672p.

BORGES, Maria Eliza Linhares (org.). *Inovações, Coleções e Museus*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. 204p.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. *Gestão de museus: diagnóstico museológico e planejamento*. Porto alegre: Medianiz, 2013, 240p.

BAUER. Jonei Eger. *A Construção de um discurso expográfico: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner*. Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia: UFSC, 2014, 111p.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. *O amor pela arte*. São Paulo: Edusp/Zouk, 2003

BRASIL. Governo Federal. *Lei 11.904 de 29 de janeiro de 2009 - Estatuto de Museus*.

CHAGAS, M. S. *Pesquisa Museológica*. In: Marcus Granato e Claudia Penha dos Santos. (Org.). *Museu: Instituição de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Faperj / Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2005, v. 7, p. 51-64

CURY, Marília Xavier. *Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no Museu de Arqueologia e Etnologia - USP*. Revista CPC - Centro de Preservação Patrimonial, São Paulo, n°3, nov. 2006/abr. 2007.

DEBRAY, Régis. *Curso de midiologia geral*. Tradução de Guilherme João de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1993. 419 p. Título original: Cours de médiologie générale.

DUCRAY- MARIANI, Francine. *Prefácio*. In: EIDELMAN, Jacqueline; ROUSTAN, Mélanie; GOLDSTEIN, Bernardette (orgs.). *O lugar do público: sobre o uso de estudos e pesquisa pelos museus*. 1. ed. São Paulo : Iluminuras : Itaú Cultural, 2014. 360 p.

GIRAUDY, Daniele e BOUILHET, Henri. *O Museu e a Vida*. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória; Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana E. (orgs.) *Museu, educação e cultura : encontro de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papirus, 2005.

LOWENTHAL, David. *Past Time, Present Place: Landscape and Memory*. Geographical Review. 65(1). 1975, pp. 1-36.

MORK, Paal. *Marketing*. In: *Como gerir um museu: manual prático*. Paris: ICOM-UNESCO, 2004, 250p

PARASURAMAN, A., (1991) – *Marketing Reserarch*, Addison WesleyPublishing Company, 2.ª ed.

RÚSSIO, Waldisa. *Cultura, Patrimônio e preservação*, texto III. In: ARANTES, Antônio Augusto (org.). *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense/CONDEPHAAT, 1984. p. 59-64.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura . *Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. 1. ed. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2007. v. 1. 255p .

SCHEINER, Tereza. *Apolo e Dionísio no templo das musas – Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

STUDART, Denise Coelho; ALMEIDA, Adriana Mortara & VALENTE, Maria Esther. *Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas*. In: GOUVÊA, G.; MARANDINO, M. e LEAL, M.C. (org). Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: FAPERJ/ Ed. Access, 2003. p.129-157.

SUANO, Marlene. *O que é museu*. São Paulo: Brasiliense, 1986. 101p

TAVARES, Regina Márcia Moura. *Ideologia, Atuação Museológica e Desenvolvimento Latino-Americano*. In: SCHEINER, Tereza (org.). Museologia, Sociedade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2005, p.47-49. (Caderno de Texto 01).

VALENTE, Maria Esther, CAZELLI, Sibebe. e ALVES, Fátima. *Museus, ciência e educação: novos desafios*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 12 (suplemento), p. 183-203, 2005.

VIEIRA, Ana Maria da C. L. *Os Memoriais são um novo gênero de museu?* Disponível em: revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=28640, acesso em: 11 jan. 2015.

YIN, Robert K. - *Case study research - design and methods*. Sage Publications Inc., USA, 1989.

WOOLLARD, Vicky. *Acolhimento do visitante*. In: Como gerir um museu: manual prático. Paris: ICOM-UNESCO, 2004, 250

ANEXO A – Portaria nº 134/2012 – DGCF/IF-SC



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
DIREÇÃO GERAL DO CAMPUS FLORIANÓPOLIS

PORTARIA nº 134/2012 – DGCF/IF-SC

Florianópolis, 25 de setembro de 2012.

O DIRETOR-GERAL DO CAMPUS FLORIANÓPOLIS DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA, no uso de suas atribuições legais e, conforme delegação, por meio da Portaria nº 2.121, DOU de 23/12/2011,

Considerando a necessidade de definir um local para organizar, preservar e propagar o acervo de objetos ou documentos descritivos relativos a história do IF-SC Campus Florianópolis,

Resolve,

Criar os seguintes espaços físicos localizados no Hall de Convivência, conforme croqui em anexo: Memorial do Campus Florianópolis (A=61,90m²) e a Sala de administração do Memorial (A=6,12m²).

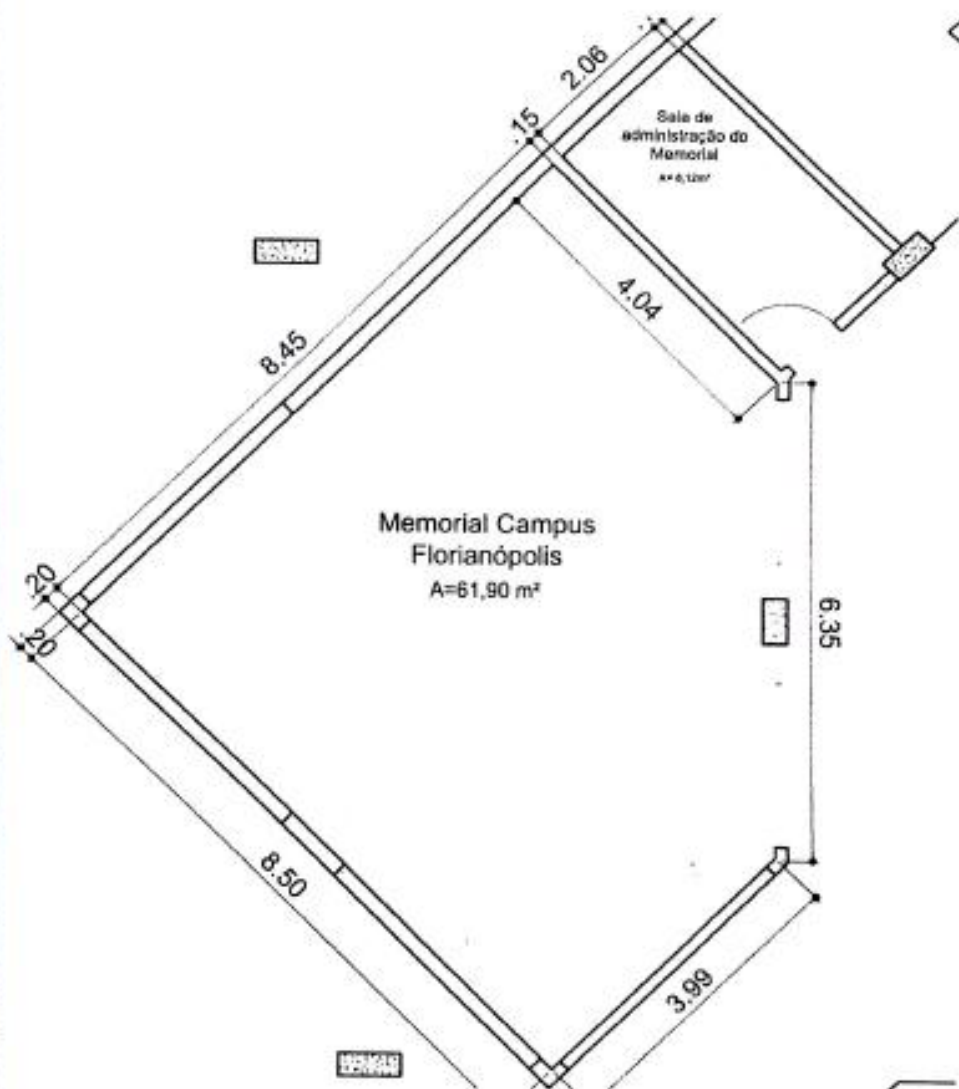
Dê-se Ciência, e

Cumpra-se


Maurício Gariba Júnior
Diretor Geral Campus Florianópolis



Av. Mauro Ferrel, 955 - Caixa
CEP 88030-300 - Florianópolis/SC
Fone: (48) 3201-9304
www.Florianopolis.ifsc.edu.br



ANEXO B - Resolução 001/2013 DGCF



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
DIREÇÃO GERAL DO CÂMPUS FLORIANÓPOLIS

RESOLUÇÃO nº 001/2013 – IFSC/CCF

Florianópolis, 19 de junho de 2013.

O Diretor Geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - Câmpus Florianópolis, no uso de suas atribuições legais e, conforme delegação, por meio de Portaria nº. 2.121, DOU de 23/12/2011,

Considerando a necessidade legal de implantar o Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, no Câmpus Florianópolis,

Considerando a revisão e aprovação na 208ª (Ducentésima oitava) reunião do Colegiado do Câmpus Florianópolis, realizada em 23 de maio de 2013,

Resolve,

Art. 1º. Revogar a Portaria nº. 134/2012 – DGCF/IF-SC de 25 de setembro de 2012.

Art. 2º. Implantar o Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis (MIFSC-CF), vinculado à Vice-Direção, destinado a preservar a memória da instituição.

Art. 3º. Os objetivos do Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis (MIFSC-CF) são:

- I. Valorizar a memória da instituição, como compromisso do Estado para com os seus cidadãos;
- II. Preservar e conservar a história do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina;
- III. Adquirir acervos de acordo com a política de aquisição, estabelecida no seu Regimento Interno;
- IV. Documentar com os procedimentos técnicos museológicos o acervo permanente;
- V. Expor os objetos que compoem o acervo do Instituto Federal de Educação;
- VI. Promover oficinas de capacitação abertas ao público com objetivo de difundir o conhecimento sobre temas relacionados ao Memorial e áreas afins.

Art. 4º. Fica instituída a Comissão de Implantação do Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis (MIFSC-CF) para a execução das ações necessárias a elevação do Memorial.

Parágrafo primeiro: A presidência da Comissão será exercida pelo vice-diretor do Câmpus Florianópolis composta ainda por mais dois representantes docentes e dois representantes dos técnicos administrativos.

Parágrafo segundo: A Comissão de Implantação do Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis (MIFSC-CF) será responsável pela elaboração do Regimento Interno do Memorial e seu encaminhamento às instâncias cabíveis para aprovação.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
DIREÇÃO GERAL DO CÂMPUS FLORIANÓPOLIS

Parágrafo terceiro: A Comissão de Implantação do Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis (MIFSC-CF) será responsável pela elaboração da Política de Aquisição do acervo do Memorial.

Art. 5º. Fica instituída a Comissão de Acervo (CA) do MIFSC-CF, que será composta por cinco membros designados pelo Diretor-geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – Câmpus Florianópolis, com mandato de dois anos, renovável por mais 2 (dois) anos.

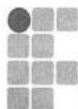
Parágrafo único: Compete à Comissão de Acervo (CA) deliberar sobre as questões relacionadas ao acervo permanente do MIFSC-CF atendendo o que está posto na Política de Aquisição do Memorial.

Dê-se Ciência e Cumpra-se.

MAURÍCIO CARIBÁ JÚNIOR

Maurício Caribá Júnior
Diretor Geral do
Câmpus Florianópolis do IFSC
Assinatura nº 2.126. 000.23122014

ANEXO C – Regimento Interno do MIFSC



INSTITUTO FEDERAL
SANTA CATARINA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA
DIREÇÃO GERAL DO CÂMPUS FLORIANÓPOLIS
COLEGIADO DO CÂMPUS FLORIANÓPOLIS

RESOLUÇÃO N°025 /2014 - CCF

Florianópolis, 12 de dezembro de 2014.

O COLEGIADO DO CÂMPUS FLORIANÓPOLIS, no uso das atribuições que lhe foram conferidas pelo Capítulo I, Seção II, art.12, do Regimento Interno do Câmpus Florianópolis, em reunião realizada no dia 12 de dezembro de 2014,

Considerando a aprovação na 225ª (ducentésima vigésima terceira) reunião ordinária do Colegiado do Câmpus Florianópolis,

RESOLVE:

Aprovar o Regimento do Memorial do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina IFSC – Câmpus Florianópolis.

Publique-se e
Cumpra-se,

MAURÍCIO GARIBA JÚNIOR

Presidente do Colegiado do Câmpus Florianópolis

Maurício Gariba Júnior

Diretor Geral do

Câmpus Florianópolis do IFSC

Portaria nº 2.121 D.O.U 23/12/2011

